

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 187/2011

O PLEBISCITO DE PAPANDREU

A história política há de registrar este episódio como um dos mais marcantes deste século que será de aperfeiçoamento da Democracia, como o passado, o meu século XX, foi o de consolidação deste sistema político chamado de menos ruim, depois de muito sangue derramado.

O aperfeiçoamento, todos parecem concordar, será um avanço na superação do paradigma da Democracia Representativa em direção à Democracia Participativa, que não quer dizer Democracia Direta no sentido clássico ateniense. Não se trata de submeter tudo, todas as decisões a assembleias universais cotidianas, eliminando a presença dos parlamentos, como ocorria com os cidadãos da Atenas de Platão e Péricles. Os parlamentos continuarão a existir, talvez aumentados em número de representantes, para melhorar a representatividade, com custos mais baixos pela redução das mordomias exageradas; mas todas as grandes questões, estruturantes da vida social e econômica, sobrelevarão os parlamentos e serão submetidas ao julgamento de todos os cidadãos através de plebiscitos. Paralelamente aos parlamentos, instâncias formadoras de opinião da sociedade, conselhos de vários tipos e setores, assim como conferências nacionais sobre temas relevantes, serão institucionalizadas. O Brasil, desde a virada política da eleição de Lula, vem se adiantando nesse caminho e já dispõe de experiências importantes para uma contribuição efetiva neste processo.

Pois a Grécia se deparou estes dias precisamente com uma dessas questões cruciais, cuja solução afetaria profundamente as condições de vida de toda a sua população, notadamente das suas camadas mais desprotegidas, durante uma ou duas décadas pelo menos. Permanecia na União Européia, mantendo o euro como moeda, e se submetia a um programa econômico extremamente rigoroso que com certeza provocará desemprego calamitoso, perdas salariais, perdas de renda em geral, reduções de benefícios previdenciários, contração de toda a sua economia, ou, alternativamente, recusava este plano exigido pelos banqueiros, declarava a moratória unilateral da sua dívida, saía expulsa da União Européia e voltava à sua antiga moeda, perdendo todas as vantagens da inclusão e enfrentando fortes represálias do sistema financeiro mundial, com as respectivas consequências.

Os comentaristas do mundo inteiro aconselharam fortemente o primeiro caminho como o melhor para o povo grego, apesar de todo o imenso sacrifício exigido. Todos esses comentaristas, entretanto, são vinculados aos interesses das nações mais ricas, cujas economias são comandadas pelo grande capital e pelo sistema financeiro internacional. Todas essas economias teriam muito a perder com a moratória grega e encaram com certo pavor esta alternativa. Para os gregos, entretanto, para o seu povo e a sua nação, as duas alternativas tinham custos altos e flagelos evitados, ambas deviam ser consideradas, analisadas, discutidas, antes de uma decisão soberana e preferida pela maioria consciente devidamente informada.

A decisão era tão grave, tão difícil e tão decisiva para o destino grego, que o Primeiro Ministro Papandreu quis escutar seu povo, não quis assumir sozinho a responsabilidade numa encruzilhada tão angustiante. Possivelmente, não estaria inteiramente certo, ele mesmo, para si mesmo, de que a solução européia era a melhor para o seu país; se tivesse essa certeza, deveria ser forte e decidido, assumir a responsabilidade como líder político e enfrentar as consequências. Na dúvida, hesitou humanamente, humildemente, democraticamente. Foi crucificado por toda a mídia mundial como irresponsável, oportunista, esperto político que queria chamar o povo para tomar a decisão populista, que seria a rejeição do plano. Sentiu

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 187/2011

a força da pressão, sentiu-a irresistível e recuou, desistiu do plebiscito. O parlamento aprovou o plano, sem consulta popular, aprovou também um voto de confiança ao Primeiro Ministro, mas ele renunciou, não quis executar o plano cruel que não lhe inspirava certeza.

Acho que o episódio é um marco histórico porque, mesmo não tendo acontecido o plebiscito, mostrou deslavadamente a face hipócrita de todos os conselheiros e políticos “responsáveis” que o condenaram em nome da democracia!

Eu veria, sim, irresponsabilidade se o plebiscito tivesse sido convocado para o dia seguinte ou a semana seguinte, Papandreu não o definiu, falou em consulta popular, não disse quando. Este plebiscito, se convocado para dali a quarenta dias, constituiria o primeiro grande e notável exemplo da nova democracia para o mundo. Não sei qual seria o resultado; nem eu nem ninguém pode saber o que decidiria soberanamente o povo grego depois de mais de um mês de debates públicos diários, campanhas do pró e do contra na televisão, toda uma discussão nacional capaz de mobilizar a atenção e dar ao povo todas as informações sobre as reais e prováveis consequências da adoção de uma ou de outra alternativa. Não sei qual seria a resposta; só sei que seria a verdadeiramente democrática, de um povo esclarecido e consciente. E acho que futuramente, num futuro não muito distante, assim será sempre feito. A democracia não confia mais nessa representação em que os representantes eleitos supostamente sabem mais que o povo o que é melhor para ele; mas que na verdade são representantes que devem mais representatividade e obediência aos que financiaram suas campanhas e os promovem na mídia do que aos que os elegeram pelo voto.

Ultrapassamos já a primeira década do novo século e o clima geral me parece pessimista na política, na economia e na ecologia. Mas eu, por vocação, gosto de abrir clareiras nesse pessimismo, e penso que, ainda na primeira metade dos dois mil, este avanço democrático terá sido cumprido. Sendo-o, os desdobramentos sobre a economia e a ecologia tenderão a assumir feições mais brandas, e a própria paz mundial poderá florescer.

Até hoje, velho, nunca me arrependi de ser ingênuo e otimista.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br